



UM ROMANCE INACABADO

A 2 de agosto de 1918 Antônio Sales começara a esboçar os futuros personagens de um novo romance lançando-os num caderno adquirido na Livraria e Papelaria Ribeiro desta cidade. Seria chamado Vida Nova e teria quinze capítulos.

Os anos se passaram e em junho de 1922 embarcava ele para o Rio pelo vapor Bahia tentando, mais uma vez, curar-se de uma neurastenia e de uma dispepsia que o atormentavam. E entrevistado pelo jornal carioca A Noite, em fins desse mesmo ano sobre os seus futuros projetos literários declarava: *“Comecei um novo romance — A Estrada de Damasco — de que ainda não está escrito nem a metade, embora esteja todo planejado, e eu tenha em notas todas as observações que devem ser aproveitadas no desenrolar da ação”*.

Na segunda quinzena de janeiro de 1923 retornava a Fortaleza pelo vapor Manaus e em carta datada de julho endereçada ao amigo Sales Campos dava conta: *“. . . e o meu romance A Estrada de Damasco, cuja elaboração suspendi por motivo de viagens e moléstia, mas que pretendo concluir nestes próximos meses”*. Mas esses próximos meses foram se sucedendo. O romance mudara de título, ele já rabiscara alguns capítulos. . . e mais nada. Ao lhe ser perguntado por essa nova obra de costumes regionais cearenses e qual a razão da demora em ser lançada ao público, assim se defendia Antônio Sales ao repórter de O Nordeste em 6 de setembro de 1932, em tom de galhofa: *“Está faltando combustível!”*. Ou então saía-se com esta outra pilhéria: *“O mato invadiu a Estrada. . .”*.

O precário estado de saúde do nosso romancista e que se vinha agravando paulatinamente, não lhe permitia a conclusão da obra em foco. Ainda em 1937 ele convidaria Cruz Filho e outros amigos como o Coronel Alves Távora para ouvirem a leitura, em sua casa na rua Oto de Alencar, dos capítulos já elaborados, na interpretação de Hildeberto Ramos.

O autor do Poema dos Belos Dias, lá também presente, registraria com fidelidade esse encontro: *“Em certo ponto da leitura, diante da ressurreição inopinada de todo um mundo de fantasmas vivos, mundo que reproduzia o nosso mundo ou era ele próprio, com as suas lutas, as suas paixões, as suas in-*

coerências, os seus contrastes, as suas alegrias e decepções, — a essa altura observei que lágrimas incontidas marejavam os olhos do Coronel Alves Távora, então diretor do extinto Colégio Militar, e os do próprio mágico da palavra que escrevera os capítulos do romance para sempre inacabados. . .”.

Lemos os dez capítulos (o décimo, incompleto) da Estrada de Damasco. Simples a urdidura do romance: Iaiá, moça rica e em plena convalescença de uma depressão nervosa, carioca do Cosme Velho, educada em colégio londrino, vem para os sertões cearenses por indicação médica. De início triste por deixar o conforto e os prazeres de sua cidade, com a cabeça cheia de conceitos falsos a respeito do Nordeste, terra muito quente, muito seca, onde se morria de fome e de sede, mundo considerado primitivo, a pouco e pouco passa a descobrir novos encantos na vida simples e bucólica da Fazenda Caiçara.

Antônio Sales, nesse livro, pretendia exaltar a opulência da natureza, a hospitalidade e as superstições do povo e a onipotência dos chefes governistas, a quase obsessão dos fazendeiros em fazer de seus filhos doutores, *“casta de parasitas, aristocracia dos mandarins de unhas compridas, que só fazem devorar e nada produzem”*. Enfim, queria ele reabilitar o seu Ceará perante a opinião nacional.

Vejamos os personagens desse inacabado romance:

- Dr. Assis, advogado no Rio, paraibano, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, pai de Iaiá;
- Dr. Joel Souto, o médico da família;¹
- Iaiá, a doente, filha do Dr. Assis e pianista formada pelo Instituto Nacional de Música;
- Dona Luísa (a Titia), mãe de criação de Iaiá, solteirona, irmã do Dr. Assis;
- Zizi Neves, colega e a melhor amiga de Iaiá, carioca de condições modestas, suburbana, também diplomada em piano pelo Instituto Nacional de Música;
- Dr. Vinício Barbosa, cearense, colega do Dr. Assis e seu auxiliar no escritório de advocacia;
- Joana, ama de Iaiá, pernambucana, considerada pessoa da família;
- Dona Aurélia, mãe de Zizi;
- José, servente do escritório do Dr. Assis;
- Rita, mulher de José;
- Maestro Damasceno, diretor do Instituto Nacional de Música;²
- Poeta Ramiro Fraga;³
- Dr. Gama, advogado, amigo do Dr. Assis, residente em Benfica, Ceará;
- Dona Adélia, esposa do Dr. Gama;
- Dorinha e Cicinha,⁴ dois dos sete filhos de Dona Adélia;
- Bebê Rosa, professora de inglês de Dorinha;
- Sr. José Vítor de Matos, concunhado do Dr. Gama, membro da Associação Comercial e no “index” do governo por não concordar na elevação dos impostos. Comerciante próspero na Fortaleza e dono da Fazenda Caiçara;

Ar Gray - Fildun
in home comparisons, water man
vans to Antonia Salter

Chair
Jancin
919.

– Vítor, filho do Sr. Matos, agrônomo, aperfeiçoando-se nos Estados Unidos;

– Dona Adelaide, esposa do Sr. Matos e irmã de dona Adélia;

– Zara e Zaíra, filhas de Dona Adelaide;

– Muçu, pretinho de dezoito anos, gerente da Fazenda Caiçara;

– Romualda, lavadeira da Fazenda Caiçara;

– Coronel Zé Emídio, proprietário da Fazenda Bonança, curandeiro, andou pelo Rio e por quase todo o Brasil. Redator de várias revistas literárias quando servia na Escola Militar. Autor de um folheto de versos.

– Mundita, esposa do Zé Emídio;

– Zé Quirino, vaqueiro do Coronel Chaves;

– Jorge, primo de Iaiá, diplomata;

– Major Rufino Esteves, chefe político do município e proprietário da Fazenda Concórdia. Respeitado pela violência;

– Estevinho, filho do Major Rufino, bêbado e arruaceiro;

– Elias, rastreador;

– Gororoba, ladrão de cabras.

Ainda cita Antônio Sales como curiosidades: o Jornal do Comércio, o Juvenal Galeno, o piano de marca Bechstein e o galgo branco Punch, ambos de Iaiá; o cavalinho preto de Zaíra chamado Bom-é; um piano de marca Pleyel pertencente a Fazenda Caiçara; o touro Careta; o touro vermelho Relampo; o cavalo de Zé Emídio chamado Ari e o ponto de encontro das mulheres fáceis, a Casa das Risonhas. . .

Certamente Iaiá não esperava encontrar tanto progresso em tão distantes terras. Então, vejam só, Dorinha usando vestido e chapéu adquiridos no Rio! E ainda estudava inglês! Quem poderia imaginar um Pleyel na chácara do Dr. Gama e outro na Fazenda Caiçara! E Vítor, lá para os Estados Unidos, aperfeiçoando-se na sua profissão! E até o Muçu sabia arrancar do piano valsas e xotes! . . .

Começava a se interessar pelo canto dos passarinhos. Aprendera com o sertanejo que burra velha quando sua sem motivo, sapo passeando pelos caminhos, rã raspando na bananeira e gado escaramuçando pelos currais, eram sinais certos de que vinha chuva. . . E ficara boquiaberta quando o Zé Emídio, por magia, auto-sugestão, feitiçaria, simpatia ou por lá o que fosse lhe curara, como por encanto, de uma nevralgia dentária insuportável. . .

Passara a amar o sertão. Uma visão diferente surgia frente aos seus olhos. Como num toque de mágica, sentia que aquela súbita transformação vinha-lhe de dentro, iluminando suas idéias, seus sentimentos, seu coração.

E então percebera que encontrara, também, a sua estrada de Damasco. . .⁵

NÓTULAS

- 1 Certamente uma homenagem ao Dr. Miguel Couto.
- 2 Lembra o nome do Maestro Nepomuceno.
- 3 Nada mais nada menos que o poeta Belmiro Braga.
- 4 Cicinha, sua sobrinha, falecida em Juiz de Fora, ainda pequena.
- 5 Antônio Sales não tinha sorte com títulos de suas obras. Pois que em 1920 era lançado um livro póstumo do poeta Castro Menezes, a Estrada de Damasco.